

A HISTÓRIA EM CURSO: RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA E AS TRANSFORMAÇÕES DO RIO DE JANEIROProf^a. Dr^a. Marta Rodrigues
Colégio Pedro II – Rio de Janeiro

Resumo: O trabalho em questão é fruto do desdobramento de minha tese de doutorado, que gerou uma pesquisa mais ampla na obra de Lima Barreto. A pesquisa se volta especialmente aos aspectos relacionados ao papel do narrador, às decepções histórico-sociais dos personagens, às transformações do espaço e das estruturas sociais em decorrência das mudanças de ordem histórica. Lima Barreto foi um autor de seu tempo, e esse tempo foi de transformações. O processo de remodelação da cidade do Rio de Janeiro, no chamado “Bota-Abaixo”, do prefeito Pereira Passos, não transformou somente a configuração física da cidade, mas representou também uma mudança na vida dos cariocas. O presente estudo tem como proposta analisar esses aspectos no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Palavras-chave: Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, imprensa, Bota-Abaixo, cidade.

Abstract: The work in question is the result of the unfolding of my doctoral thesis, which generated a broader research in the work of Lima Barreto. The search turns especially the aspects related to the role of the narrator, the historical and social disappointments of the characters, the transformations of space and social structures as a result of changes in historical order. Lima Barreto was one author of his time, and that time was of transformations. The city remodeling process of Rio de Janeiro, the so-called "Pull it Down," the mayor Pereira Passos, not only transformed the physical configuration of the city, but also represented a change in the lives of locals. This study is to analyze these aspects in the novel *Memories Registrar Isaiah walks*.

Keywords: Lima Barreto, *Memories Registrar Isaiah Caminha*, press, Bota-Abaixo, city.

O olhar foi-se modificando ao longo da história da arte e da literatura, e, em consequência, também os modos de percepção se alteraram até chegar ao mundo contemporâneo, da sociedade de massas. A modificação da percepção humana ocorre junto com o modelo de existência, e, nesse processo, há um condicionamento natural e histórico, como constatara Walter Benjamin:

No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o

meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente.¹

Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto, retrata as modificações de sua época e da sociedade e a forma como essas transformações afetaram a percepção do homem. A obra enfoca questões envolvendo o papel do intelectual em um mundo em transformação, especialmente no que diz respeito à influência da imprensa sobre a produção literária.

O escritor, no Brasil, quase sempre exerceu a sua função como um elemento acessório a uma outra atividade; geralmente ele possuía um cargo público ou aspirava a um. Esse fato levou a uma aceitação do literato pelas instituições governamentais e, logo, a uma identidade com as ideologias dominantes, que dignificava a função de escritor, mantendo-o, em certa medida, “à sombra do poder”. Apesar de todos os elementos facilitadores incorporados à literatura, como forma de propiciar maior integração com o leitor, por estratégias de acessibilidade, não se compôs efetivamente no Brasil um público leitor que sustentasse o escritor. Dessa forma, ele se manteve atrelado aos apoios governamentais, sob a forma de incentivos ou cargos:

Com efeito, o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, essa circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto, para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites.²

Ou, ainda, o escritor esteve atrelado aos interesses do maior veículo de divulgação do romance por um longo tempo: o jornal.

A imprensa pode ser avaliada, em seu processo de formação e consolidação, como um produto do próprio sistema de desenvolvimento do mundo capitalista burguês. Nela, encontram-se solidificados os valores da burguesia, contribuindo em muito para a uniformização do pensamento e do comportamento dos indivíduos. O controle dos meios de difusão das ideias é uma das formas de transmissão de uma unidade de valores éticos, morais, sociais, culturais, políticos. Nesse sentido, a liberdade de informar e de opinar se desenvolveu de acordo com

¹ BENJAMIN, 1989, p.1690.

² CANDIDO, 1959, p. 85, grifo do autor.

os interesses do momento. A relação entre desenvolvimento da imprensa e capitalismo torna-se evidente. A concentração urbana, o surto demográfico, a necessidade de circulação de informações, de um mundo de produção de massa levaram a imprensa a revolucionar suas técnicas de produção, de modo a atender à demanda de um mundo em que relações mercadológicas passam a ser a regra.

Há uma intrínseca relação entre os homens de letras e a imprensa; é nos jornais que se efetua a divulgação do trabalho literário e é nele que se estabelece a relação entre escritor e público. A maior parte dos escritores do século XIX, início do XX, utilizaram o espaço reservado nos jornais à literatura, produzindo folhetins³, no que se referia ao modo de publicação, ou seja, em partes, em sucessão de capítulos que eram gradativamente servidos ao público, até a edição em livro. Desse modo, a imprensa se definia, em muitos aspectos, por se amalgamar à literatura. As alterações por que passa o jornalismo na virada do século XIX para o XX expressam as novas relações sociais, econômicas, de caráter marcadamente capitalista. Não havia mais lugar para aventuras. A imprensa, como qualquer outro negócio, profissionalizou-se, tornando-se uma empresa em busca de lucros.

O romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foi o primeiro publicado por Lima Barreto. O escritor optou por lançar-se às letras com o polêmico romance, que mexia nos vespeiros da literatura da época e, em especial, de seu maior veículo de divulgação e promoção, os jornais. O romance em estudo trata, em linhas gerais, da tentativa de um rapaz do interior de efetuar estudos na capital, no Rio de Janeiro, para onde se dirige repleto de sonhos de um interiorano a quem sempre valorizaram pelos atributos intelectuais, e que, no confronto com a rede de interesses das articulações sociais da cidade, se vê engolido pela realidade. É o relato memorialístico de um processo de desilusão. Após sua chegada, Isaías entra em contato com a realidade social carioca e, logo

³ Quase todos os autores brasileiros de ficção participaram da produção de folhetins, na época. Machado de Assis publicara, em O Globo, *A mão e a luva*, em 1874; *Iaiá Garcia*, em O Cruzeiro, em 1878; *O Ateneu*, de Raul Pompeia, apareceu na Gazeta de Notícias, em 1878. Taunay publicara *Inocência* em folhetim de A Nação e foi colaborador de A Notícia; Franklin Távora publicara as *Lendas e Tradições Populares*, na Ilustração Brasileira, em 1878; Raul Pompeia deixou contos e as meditações de *Alma Morta* na Gazeta da Tarde, em 1888; Coelho Neto iniciou-se na Gazeta da Tarde; Aluísio Azevedo escreveu e desenhou para revistas jornais (SODRÉ, 1966, p., 280, 283-4).

em sua primeira noite, levado pelas mãos de um padeiro repleto de bons contatos na sociedade da época, é introduzido no mundo do teatro, da literatura e do jornal. Conhece ilustres figuras das letras e do jornalismo.

Prefigura-se o mundo moderno a partir do jornal, um mundo em que as pessoas estão submetidas às redes de poder, que determinam quem se é e como se deve viver. No caso do Brasil, essas redes espraiavam-se ainda mais, porque ainda havia a questão do protecionismo; as ascensões se davam por indicações, a meritocracia quase sempre estava submetida aos interesses dos detentores do poder. É com essa realidade que Isaías vai-se deparar. Com sua carta de indicação na mão, busca incessantemente por um emprego que jamais lhe será dado pela via da indicação política, mas que surgirá na forma de um cargo de contínuo em um importante jornal carioca. Todo o capítulo VIII gira em torno das impressões de Isaías a respeito do jornal, durante o curto período em que fica à espera do jornalista Gregoróvitch e do emprego prometido. A voz do narrador atual e suas avaliações se confundem com as impressões geradas naquele momento. Sabemos que Isaías, aos dezoito anos de idade e ainda desconhecendo as forças que impulsionavam a rede jornalística, não poderia avaliar o jornal e sua estrutura da forma que o faz. Assim, há uma mistura das duas vozes do narrador, a do rapaz de dezoito anos, impressionado com o poder emanado daquele espaço, já vislumbrado no primeiro contato, e a do narrador, no tempo presente, que esteve sob aquele regime de trabalho por cinco anos.

Na posição de um observador privilegiado, Isaías vai-nos apresentando, gradativamente, não só o espaço físico do jornal, mas também seus integrantes e seus papéis dentro “daquele teto que abrigava a falange sagrada que vinha combatendo pelos fracos e oprimidos”⁴. Era sob as diretrizes de Ricardo Loberant, dono e diretor do jornal, que os jornalistas escreviam. Assim como exerce forte poder sobre pessoas iminentes, Loberant administra seu negócio mantendo seus subalternos submissos a sua vontade. A arrogância que a maioria dos jornalistas exibia nos ambientes sociais da cidade era abandonada frente ao poder do dono do jornal. A manutenção do *status* de cada um naquele espaço dependia da vontade do diretor e contrariá-la representava muito mais do

⁴ BARRETO, 1983, p. 99, cap. VIII.

que a possibilidade de perder o emprego, significava perder o poder agregado à própria função de jornalista. A estrutura de *O Globo* é desvelada, assim como os elementos que fizeram dele um jornal de sucesso, em comparação a outros, já mais tradicionais no cenário carioca: a linguagem renovada; os colaboradores de renome; a postura atrevida, com uma suposta independência de pensamento – independência dependente da vontade do diretor –, o que lhe conferia um alto poder de crítica. Em comparação aos outros, quase sempre comprometidos com a visão oficial, que lhes comprava a “opinião favorável”, sendo muitas vezes subvencionados pelo poder público, *O Globo* se apresentava como um jornal independente, o que lhe garantiu em grande parte o sucesso. E aquilo a que se propunha de fato, como jornal comercial que era, se consumou: “E *O Globo* vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se...”⁵.

O prestígio do jornal era medido pela sua ascendência e pela quantidade de anúncios que publicava, o que determinava, sob certa medida, o seu grau de sucesso e de alcance: “[...] [Lobertant] forjava anúncios, ‘calhaus’, calhaus de ‘precisa-se’, de ‘aluga-se’, de pequenos anúncios que, em abundância, parecem ser o índice da prosperidade de um jornal”. O poder da imprensa se intensifica por ser o veículo de maior consumo da população em geral, e, conseqüentemente, cresce seu poder de manipulação.

Há um novo perfil de intelectual no contexto do mundo moderno, que, adequando-se à nova realidade e em sintonia com seus valores, tem que se transformar para atender às demandas do momento.

O novo ritmo da vida cotidiana, alterado pelas inovações técnicas do início do século, transformou drasticamente a função do homem de letras. A diminuição do tempo livre necessário ao exercício e à contemplação literária, a disputa com o jornal diário, os manuais didáticos, as novas formas de lazer produzidas com a tecnologia sofisticada restringiram ao máximo a importância e a função do literato.⁶

O personagem Veiga Filho integra o rol dos escritores conferencistas, o que lhe confere ainda mais fama e sucesso, além do prestígio necessário junto às páginas dos jornais, o que expressa um processo natural no meio jornalístico

⁵ BARRETO, 1983, p. 101, cap. VIII.

⁶ FIGUEIREDO, 1995, p.29.

brasileiro, assim como no europeu. Geralmente os jornais publicavam algo a respeito dessas conferências, uma crítica que, dependendo de quem fosse o conferencista e de suas ligações com o jornal, poderia ser positiva ou negativa. Floc, naquele momento, ao ser inquirido por Veiga Filho sobre o comentário a ser feito a respeito da conferência, diz estar sem tempo. É proposto, então, que Veiga Filho fale a respeito de... sua própria conferência. Obviamente, na nota publicada só saem elogios e tal atitude merece do narrador uma avaliação do papel do escritor no contexto da imprensa.

O mundo do consumo, da aparência, dos reclames é aquele em que o sucesso se faz a partir da maior ou menor capacidade de venda que cada um tenha de si mesmo. Quanto maior a capacidade de autopropaganda, maior a chance de sucesso. É o que o narrador verifica, pasmo diante da fama que se forja pelo elogio pessoal, e, em função dessa observação, começa a questionar até que ponto esse processo não se estenderia a todos os escritores e a outras esferas da vida pública:

[...] Enquanto ele [Veiga] lia cheio de paixão, esquecido de que fora ele mesmo o autor de tão lindos elogios, fiquei também esquecido, e convencido do seu malabarismo vocabular, do sopro heroico de sua palavra, da sua erudição e do seu saber... Cessando, lembrei-me que amanhã tudo aquilo ia ser lido pelo Brasil boquiaberto de admiração, como um elogio valioso, isto é, nascido de entusiasmo sem dependência com a pessoa, como coisa feita por um admirador mal conhecido! A Glória! A Glória! E de repente repontaram-me dúvidas: e todos os que passaram não teriam sido assim? E os estrangeiros não seriam assim também?...⁷

O capítulo se encerra com o narrador avaliando as sensações que teve naquele primeiro contato com a imprensa, elemento que se fez presente desde seu primeiro dia na capital:

Naquela hora, presenciando tudo aquilo, eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho de prestidigitador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinoni⁸ e a estupidez das multidões.

⁷ BARRETO, 1983, p. 115, cap. VIII.

⁸ MARINONI, Hippolyte (1823-1904) – Mecânico e tipógrafo francês, de origem italiana, concebeu em 1847/48 uma das primeiras máquinas de reação para a imprensa e, em 1867, uma das primeiras rotativas, que expôs na Exposição Universal de Paris. A máquina de reação, de quatro cilindros, que concebeu em 1847 imprimia, por cilindro, 1500 folhas de 45 por 134 cm em uma

Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!⁹

Assim como o narrador avalia criticamente o jornal e aqueles que serviam aos seus propósitos, não isenta também dessa visão crítica o próprio protagonista, ou seja, a si mesmo naquele tempo. Ao criticar a autoimagem positiva que Isaías tem de si simplesmente por trabalhar no jornal, o narrador o iguala a tantos outros – logo, não se poupa –, e isso só é possível pelo distanciamento crítico que adota ao narrar.

O narrador possui consciência de que aquele modo de viver o anestesiara, e que a experiência, enquanto vivida, não possibilitara nenhuma forma de conscientização, que só virá quando ele se afastar física e cronologicamente daquele espaço:

[...] Ainda não tinha coordenado todos os elementos que mais tarde vieram a encher-me de profundo desgosto e a minha inteligência e a minha sensibilidade não tinham ainda organizado bem e disposto convenientemente o grande *stock* de observações e de emoções que eu vinha fazendo e sentindo dia a dia.¹⁰

O personagem Isaías Caminha alcança sucesso no jornal por conta de um evento trágico: o suicídio de Floc, o crítico literário de *O Globo*. Floc representa a dissimulação, a arrogância do saber que oculta, na verdade, sua vacuidade, escamoteando o vazio existencial, humano e de conhecimento que os jornalistas ali representados, de modo geral, apresentam. O anseio diplomático se coaduna com o perfil do crítico, afeito às coisas da arte, mas delas afastado pela inconsistência da própria formação. É quando confrontado com a sua incapacidade para a escrita, quando colocado em situação limite, de ter de

hora. Esse sistema, desenvolvido em conjunto com a casa Gaveaux, tinha um destinatário – o jornal "La Presse" de Emile de Girardin –, que tinha requerido a esses construtores uma nova máquina para o seu jornal. Foram célebres os seus prelos modelo Indispensável (de 1.200 a 1.500 exemplares por hora, no formato 76 por 55 cm), Universal (de 1.200 a 1.500 exemplares por hora, no formato de 1m por 68 cm, empregava 4 homens) e Especial (para impressão a 2 cores, de 500 a 600 exemplares por hora, no formato de 1,18 m por 80 cm, com 11 rolos de dar tinta, 7 distribuidores de tinta). Em Portugal, Hippolyte Marinoni esteve representado na Exposição Universal do Porto, que decorreu no Palácio de Cristal em 1865, onde expôs um prelo mecânico (Classe 10^o – Machinas e Utensílios de Manufacturas e Officinas Industriaes). Vários jornais, como o "Comércio do Porto", "O Primeiro de Janeiro" e o "Diário de Notícias", tiveram nas suas oficinas máquinas deste constructor. (**Museu virtual** press. Disponível em: <<http://www.imultimedia.pt/museuvirtpress/port/persona/m-n.html>>. Acesso em: 9/05/2012, às 0h56min.)

⁹ BARRETO, p. 115, cap. VIII.

¹⁰ BARRETO, 1983, p. 165, cap.XII.

escrever sob a premência do tempo, da folha que precisava se fechar, que Floc toma a atitude honesta que o reabilita frente ao narrador e, por extensão, ao leitor: o suicídio. De personagem típico das frivolidades da *Belle Époque*, que tão bem representava e tanto alardeava, Floc constitui-se como personagem trágico, como “tragicamente silencioso” se mostrou antes de tomar a decisão fatal. E é esse ato que possibilita a virada na vida do protagonista.

Floc comete suicídio no jornal, e Isaías é encarregado de levar a notícia a Loberant. O diretor do jornal não se encontrava em sua residência e, segundo informação, estaria no jornal. Na verdade, ele se encontrava em uma “casa famosa entre os rapazes ricos da cidade, pelas orgias e pelas mulheres que a habitavam”¹¹. Era necessária discrição total e coube ao contínuo a tarefa de buscar Loberant e dar-lhe a notícia. Encontrado em situação constrangedora, em meio a uma orgia na companhia de Aires d’Ávila, Loberant é confrontado com aquela figura do contínuo, até então insignificante, mas agora detentora de informação privilegiada a seu respeito. A morte de Floc foi o trampolim para a ascensão de Isaías. Ao ser flagrado em plena orgia, o diretor passa a demonstrar interesse pelo contínuo e se surpreende ao constatar que Isaías possuía família, formação intelectual, a despeito das impressões denotarem o contrário: “Percebi que espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário”¹².

O mal-estar permanente em que se encontra, apesar da vida privilegiada que passa a ter, nasce da compreensão de que não lhe é possível corresponder às expectativas dos que o rodeiam, especialmente às do dono do jornal. Mesmo que aparentemente o mundanismo em que passa a viver na companhia de Loberant lhe caia bem e com ele conviva de forma satisfatória, internamente o personagem se sente um estranho naquele contexto. Começa a sofrer com a consciência de que não cumpriu seus ideais, suas metas, seus objetivos, em uma vida de fachada, em que falseava sua verdadeira essência:

Queria-me um homem do mundo, sabendo jogar, vestir-se, beber, falar às mulheres; mas as sombras e as nuvens começavam a invadir-me a alma, apesar daquela vida brilhante. Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; sentia

¹¹ BARRETO, p. 179, cap. XIII.

¹² BARRETO, 1983, p. 183, cap. XIV.

também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome. [...] Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força, com vontade e com grandeza... Sentia bem a desproporção entre o meu destino e os meus primeiros desejos; mas ia.¹³

O percurso de consciência leva o personagem a uma tomada de atitude, ao desejo de mudar-se da capital, devoradora dos sonhos, e de retornar à vida interiorana, em uma cidade pequena. Isaías, ao pedir a Loberant para intervir na aquisição de um cargo no interior, de volta à vida roceira, empreende uma tentativa de resgatar a unidade perdida, aquela que possuía, ainda que de forma inconsciente, antes de ir à cidade. Essa unidade se fragmentou em seu contato com aquele mundanismo que esfacelou a ele e aos seus sonhos, decorrendo daí seu desejo de, de certa forma, voltar ao passado, pois, como afirma Hall¹⁴,

[...] nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.

Isaías tenta recuperar um mundo fixo e estável quando essa possibilidade não mais existe. Além disso, essa é a forma de mostrar que ele, ao contrário dos outros, valia por si, que era capaz de superar o brilho do meio e, mais do que isso, de rejeitá-lo.

Lima Barreto registrou em seu romance a ampliação da importância e da influência de uma das instituições essenciais do século XX. A imprensa é vista como uma espécie de moléstia contagiosa, infectando os que com ela se envolvem. Isaías exemplifica a ascendência desse poder, ao se sentir detentor de certo *status* simplesmente por conviver com os jornalistas e fazer parte daquele universo, mesmo que em uma posição subalterna. Entretanto, o brilho da imprensa não o inebria a ponto de levá-lo à perdição existencial. Em um movimento do próprio personagem, ele se descola daquela magia inebriante e retorna a uma vida que lhe parece mais digna, mais adequada aos valores morais

¹³ BARRETO, 1983, p. 189, cap. XIV.

¹⁴ HALL, 2003, p. 39.

e éticos que o constituíam. O personagem acredita na vitória individual, mas se depara com uma estrutura que lhe possibilita a ascensão desde que se submeta à ordem vigente, do mercado. Rejeitado pela sua aparência, pela sua humildade, pela sua origem, pela sua cor, o jovem Isaías se deixa levar momentaneamente, mas reage e resiste, não vende sua alma, apesar de se fragmentar e carregar as marcas de sua batalha urbana.

O narrador cumpre a função de preparar o olhar do leitor, educá-lo para a nova sensibilidade que se constitui a partir da formação de uma sociedade eminentemente capitalista. Alerta para a necessidade de desconfiar do que se vê, de que aquilo que está à mostra nem sempre corresponde ao que é de verdade. Essa é uma das razões da narrativa barretiana manter seu frescor de contemporaneidade, explicando muito do que somos como sociedade atualmente.

Referências

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaías Caminha*. SP: Brasiliense, 1983.

BENJAMIN, Walter. *Paris, capital do século XIX*. SP: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. SP: Itatiaia, 1959.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia N. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Tempo Brasileiro, 1995.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira, 1966.

Marta Rodrigues é mestre em Letras Vernáculas, na área de Literatura Brasileira, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a dissertação *Entre a crítica e paixão: os discursos do narrador e do protagonista em Triste fim de Policarpo Quaresma* (2007) e Doutora pela mesma universidade, com a tese *Lima Barreto, leitor de Balzac: as ilusões perdidas de Luciano e Isaías Caminha* (2012). Atualmente, é professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no Instituto Federal Colégio Pedro II, *campus* Humaitá II (Ensino Médio), no colégio Andrews (Ensino Médio) e na Secretaria Municipal de Educação

Revista Araticum

Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes
v.14, n.2, 2016. ISSN: 2179-6793

(Ensino Fundamental II). Lidera o Núcleo de Pesquisa em Ensino de Língua e Literatura (NUPELL), de professores do Colégio Pedro II, e integra o LITESCOOLA, grupo de pesquisa do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de Língua e Literatura; a obra de Lima Barreto; o Rio de Janeiro do início do século.